

15-VI 1969

VILÉM FLUSSER Como filosofar enquanto judeu brasileiro?

O Instituto Brasileiro de Filosofia fará um simpósio sobre o tema "A Experiência filosófica brasileira" em maio, do qual participarão todas as seções brasileiras, e que tem a honra de organizar. O tema é daqueles que exigem um esforço de honestidade. Exigem que se mergulhe no próprio íntimo para tornar conscientes os motivos recalçados que fizeram com que o pensamento se tivesse dirigido em sua direção atual, e que esses motivos sejam examinados, para ver se resistem a uma crítica necessariamente penosa. Pois quando iniciei essa auto-crítica, verifiquei que a minha condição de judeu é um dos motivos a serem considerados fundamentais para o rumo que tomei no meu trabalho. Como essa verificação deve ser típica para todo judeu, e portanto deve interessar a todo judeu, submeto o presente artigo à "Crônica Israelita", não apenas como katharsis pessoal, mas quiçá coletiva.

O tema que preveceu esta análise é, repito, "A Experiência filosófica brasileira". Trata-se pois de problema de condicionamento e da limitação da experiência filosófica por fatores geográficos e históricos determinados. O tema não nega que pode haver uma dimensão filosófica que supera esses fatores. Que o sentido da filosofia de Kant, por exemplo, talvez não se esgote pela enumeração de seu condicionamento enquanto burgues protestante alemão do século 18. Com efeito, pode ser argumentado que a filosofia é exatamente uma tentativa de superar esse tipo de condicionamento. O tema apenas focaliza o fato incontestável que toda filosofia se dá em situação histórica e geográfica, situação essa que informa a experiência filosófica mesmo quando esta procura negar a sua própria situação, visando alterá-la individualmente ou coletivamente. Pois é sob este prisma que a experiência filosófica se apresenta com determinação especificamente judaica na situação brasileira, mesmo se procura negar essa determinação, visando alterá-la.

Reformulemos um pouco. Admitamos que o principal motivo de filosofar é a tentativa, tipicamente humana, de elevar-se sobre a situação, afim de compreendê-la e modificá-la. E que essa tentativa é resultado da repulsa que sentimos contra aquilo que nos cerca e aquilo que nos condiciona internamente. (Os que não sentem essa repulsa, ou os que a recalçam, não filosofam.) Pois é óbvio que essa rebelião que é a filosofia é marcada por aquilo contra o que se rebela: a sua situação condicionante. Creio pois que o condicionamento geográfico e histórico, (como qualquer outro), é o lado negativo daquela tensão dialética que é a experiência filosófica, em todo lugar e sempre.

Mas a rebelião que é a filosofia não é uma atitude individual e indisciplinada. É, pelo contrário, uma atitude inserida em determinada tradição, com determinados métodos e com uma temática determinada, (por mais que se queira abrir essas estruturas). De forma que a própria estrutura da rebelião é resultado da situação, e quem filosofa não se rebela apenas contra

VILÉM FLUSSER

a sua circunstância, mas também contra a própria filosofia. E é nessa revolta dentro da revolta que deve ser colocada o problema da experiência filosófica brasileira.

Quem filosofa no Brasil filosofa dentro da tradição ocidental e contra ela se rebela. E, nessa rebelião, está em contato direto e indireto com outros que filosofam na Europa e nos Estados Unidos. Com efeito, esse contato é o próprio ambiente dentro do qual se dá a sua filosofia. Mas embora ele seja, enquanto filósofo, integrado com seus parceiros, não o é enquanto brasileiro. Porque a situação brasileira é inteiramente diferente da europeia e americana num sentido fundamental para o engajamento em filosofia. De maneira aproximada pode ser dito que a situação brasileira é mais adequada a um filosofar de tipo do século 19 que ao tipo atualmente praticado, porque, (resguardadas diferenças importantes), a situação brasileira é ainda marcada por aquelas influências sociais e existenciais contra as quais se rebelava a filosofia do século passado. É a este fato que se chama "subdesenvolvimento". De forma que a tragédia da experiência filosófica brasileira é a de ter-se fazer uma opção entre duas alternativas igualmente nefastas: ou alienar-se da filosofia atual, ou alienar-se da situação brasileira. Perjar dessa experiência trágica uma filosofia digna é o nesse desafio.

Mas se quem filosofa no Brasil é judeu de educação europeia entre as duas guerras, essa experiência trágica adquire vários aspectos desconhecidos por filósofos brasileiros natos ou de procedência europeia diferente. E esses aspectos marcarão, queira ele ou não, o seu pensamento indelévelmente. Procurarei considerar alguns dentro desses aspectos.

A época entre as duas guerras foi, para o adolescente intelectual judeu europeu, a época do nazismo. E o nazismo é um fenômeno que facilita extraordinariamente uma tomada de posição em todos os sentidos. Como filosofia, é subhumanamente cretino. Como articulação existencial, é covarde e neijente. Como teoria e praxis política e social é obviamente criminoso. E como manifestação estética é repulsivo. E, para facilitar ainda mais, é antisemita. Pois é contra o nazismo que o intelectual judeu se rebela, e isto é uma rebelião cômoda intelectual e existencialmente. Outro fator determinante foi a crise do capitalismo das décadas 20 e a experiência insólita e cheia de virtualidades empreendida na União Soviética como alternativa ao capitalismo. Os dois fatores se completavam. O intelectual judeu das décadas 30 e 40 estava na posição invejável de poder tomar uma posição filosófica nítida e inteiramente de acordo com suas convicções e sua existência: uma posição de esquerda. Por mais horrível que tenha sido a época da qual estou falando, deste ponto de vista certamente todos a relembramos com saudade.

Mas já nos anos 40, creio, começavam a delinear-se as primeiras graves dúvidas quanto à posição assumida. Falarei das dúvidas políticas e sociais, antes de discutir as filosóficas propriamente ditas. Tornava-se sempre mais

VILÉM FLUSSER

Ébvria uma semelhança estrutural entre nazismo e stalinismo, semelhança essa que se manifestava ocasionalmente como colaberação ao nível nacional e internacional entre ambos, (coisa terrível para um judeu de esquerda). Tornava-se óbvia que o internacionalismo da esquerda, (tão caro ao judeu), era um mite, que a realidade centinuava o nacionalismo, inclusive com seu fater antisemita. Que o pacifismo da esquerda era fachada, e que os países socialistas entravam com naturalidade no jôgo de forças imperialista. Que o capitalismo, em grande parte responsável pelo nazismo, passava por uma re-estruturação interna que mudava paulatinamente muitos dos seus aspectos. Que são os países capitalistas evoluídos que tendem a superar melhor as injustiças econômicas e sociais, e nacionalismo e o antisemitismo. (Embora continue o capitalismo a preservar certas traços clássicos em sua relação com os países subdesenvolvidos.) Em suma: que deste ponto de vista a tomada de posição deve ser revista.

As dúvidas de ordem filosófica são ainda mais contundentes. O filosofar da esquerda tem um aroma dogmático repulsivo ao espírito da filosofia. E isto é verdade inclusive com relação a certas tendências existencialistas. O pensamento da esquerda baseia-se sobre uma metafísica incenfessa que é de um realismo ingênuo que não resiste, creio, a uma crítica mais atenta. A filosofia da esquerda tende a focalizar a atenção sobre problemas políticos, sociais e econômicos, em detrimento dos demais, e os demais ficam portanto deformados. Embora a filosofia da esquerda tenda a abrir-se a influências do pensamento "burgues", funciona, assim mesmo, como freio, e todos os grandes desenvolvimentos da atualidade se dão ao exterior dela, (haja vista a fenomenologia, a linguística, e estruturalismo, a teoria da comunicação, e o existencialismo propriamente dito). E, principalmente, o filosofar da esquerda tende a desprezar aqueles problemas autenticamente filosóficos que dizem respeito à posição do homem face ao mistério que o cerca e que nele se escende: digamos face à morte. De forma que o pensamento da esquerda tende a evadir as perguntas mais importantes e a tornar-se insignificante.

Ao ser assim forçado para uma revisão de posição, o judeu que filosofa no Brasil vê-se renvidado de uma posição cômoda para posição incômoda ao extremo. Sua crítica à sua própria atitude anterior é interpretada como volte-face à direita. E essa interpretação não pode ser menosprezada, já que implica em responsabilidade por parte de quem filosofa. Porque os intérpretes, embora equívocos, enquadram o pensamento na fileira que representa tudo aquilo contra o qual esse pensamento se rebela. Alienam o pensamento. (Porque a alienação, sendo relação entre um indivíduo e um contexto, é tanto resultado da ação do indivíduo, quanto da do contexto.) E aqui surge o problema da assimilação do judeu enquanto filósofo ao contexto brasileiro.

Pode ser discutido o quanto têm razão Herzl e Hitler de chamarem os judeus europeus de "gente de asfalto". E pode ser discutido se a grande maioria da população europeia e americana não é igualmente "de asfalto", dada a diminui

VILÉM FLUSSER

ção da população rural nesses países. O que não pode ser discutido é o fato da relativa distância do judeu no ambiente brasileiro, por mais que este se esforce para assimilar-se. Não nega que essa distância é um problema individual, que depende em parte da inteligência do indivíduo, da sua abertura para o ambiente, e da natureza das gerações que o precedem em descendência e ascendência à terra brasileira. Mas a relativa distância continua um fato. Pois ter distância em filosofia pode ser vantagem, já que a filosofia é uma tentativa de tomar uma visão distante. Mas pode ser também desvantagem, já que a distância visa o engajamento, portanto exige um forte interesse existencial na situação da qual se distancia a filosofia.

O judeu que filosofa no Brasil está pois em dupla dificuldade. Precisa primeiro assimilar-se para depois poder distanciar-se. E a assimilação é dificultada pelo processo de revisão de posição, de qual falei, e que é um processo parcialmente contrário aos processos que atuam na filosofia brasileira atualmente. Porque o filósofo brasileiro nasce, para o qual o nazismo e a desilusão com a esquerda são motivos fundamentais, está em procura de uma posição contra uma situação "subdesenvolvida". E essa posição tem semelhanças com a posição da qual o filósofo judeu brasileiro se distancia. Esta é a específica tragédia do judeu que filosofa no Brasil atualmente.

Mas há esperança. A filosofia é um diálogo, para o qual as posições mais díspares podem contribuir fertilmente. O judeu que filosofa no Brasil tem uma contribuição específica a contribuir ao diálogo, contribuição essa parcialmente resultado dos motivos mencionados. Talvez seja esse tipo de filosofia exatamente o método pelo qual o judeu que filosofa no Brasil se assimila à sua terra? Porque a assimilação, como a alienação, é um processo bivalente, que resulta tanto do esforço daquele que se assimila, como do ambiente ao qual ele se assimila.

Não nutre a esperança de ter esgotado o problema neste artigo. Nem de tê-lo resolvido. Apenas espero que estas considerações articulem em parte uma preocupação de muitos judeus brasileiros, e que, nesta medida, ajudem a torná-los conscientes.